

ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA PERSPECTIVA SOBRE A EXPERIÊNCIA NA ASSOCIAÇÃO MARIA QUITÉRIA, EM TEODORO SAMPAIO (BA)

Nilton Teixeira Pereira (Pós Crítica\UNEB)¹

Resumo: Trata-se de uma investigação sobre indícios de economia solidária na Associação Maria Quitéria, um acampamento que faz parte do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), em uma área rural com 288 hectares, em Teodoro Sampaio (BA), município localizado a 100 km de Salvador. Segundo o autor Paul Singer, em seu livro *Introdução à economia solidária* (2002), a economia solidária é uma alternativa inovadora na geração de emprego e renda e inclusão social. Seus princípios são autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário. No contexto da pesquisa, faz-se necessário questionar: Os associados se deixam influenciar pelas práticas dominantes do sistema capitalista ou seguem os princípios e valores da economia solidária? Considerando essa suspeita, os objetivos dessa pesquisa são: identificar os modos de produção da Associação Maria Quitéria; interpretar as práticas de subsistência; analisar os dados levantados à luz da Crítica Cultural. E para atingir tais objetivos serão utilizados como procedimentos metodológicos a pesquisa qualitativa, entrevistas, aplicação de questionários e a pesquisa observacional. Espera-se, desse modo, apresentar as iniciativas ou experiências de economia solidária na referida associação, bem como identificar formas de organização que essas práticas assumem e se manifestam na realidade do município de Teodoro Sampaio.

Palavras-chave: Economia solidária. Cooperativismo. Cultura.

INTRODUÇÃO

O cenário atual de crise econômica no Brasil aponta para um período de recessão e alto índice de desemprego. Ao longo do tempo a humanidade tem sofrido impactos sociais com as frequentes crises capitalistas e nesse contexto é que surgem iniciativas que propõem uma forma diferente de trabalho, pautada em princípios de solidariedade, propriedade coletiva dos meios de produção e participação coletiva das tomadas de decisão. Essas iniciativas são conhecidas como economia solidária.

Paul Singer apresenta o conceito de economia solidária como modo de produção, cujo resultado natural de sua forma associativa é a solidariedade e a igualdade.

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda (SINGER, 2002, p. 10).

Este projeto procura investigar indícios de economia solidária na Associação Maria Quitéria, um acampamento que faz parte do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), em Teodoro

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: nilton_t_p@hotmail.com.

Sampaio (BA). Nesse contexto, surge a seguinte problemática: Os associados se deixam influenciar pelas práticas dominantes do sistema capitalista ou seguem os princípios e valores da economia solidária? Esse questionamento se desdobra em outros: Os modos de vida dos agricultores associados reproduzem ou questionam os modos de vida dos cidadãos norte-americanos, por exemplo? As produções artísticas e os eventos culturais são característicos da própria comunidade ou derivados de outras culturas? Para tanto, se faz necessário identificar os modos de vida e modos de produção da Associação Maria Quitéria; Interpretar as práticas de subsistência; Analisar os dados levantados à luz da crítica cultural.

Dessa maneira, será apresentada na presente atividade uma imagem do projeto de pesquisa, ora mencionado, relacionada aos instrumentos teóricos discutidos em sala de aula ao longo do primeiro semestre do Curso Mestrado em Crítica Cultural.

ORIGENS HISTÓRICAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

A economia solidária surgiu na Inglaterra no século XIX, chegou ao Brasil no final do século XX, mas realmente se intensificou em nosso país a partir de 1980. Com a crise econômica nas décadas de 1980 e 1990, marcada pela queda da industrialização, milhares de postos de trabalho foram fechados, o que provocou o desemprego em massa e, por consequência, a exclusão social. Nesse período, a economia solidária se intensificou e assumiu de modo geral a forma de cooperativismo e associativismo de produção.

Ainda nos anos de 1980, a Cáritas — organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que fomenta iniciativas de economia solidária, segurança alimentar e nutricional, fundos solidários, envolvendo jovens, mulheres, catadores (as), de materiais recicláveis, pequenos (as) agricultores (as), acampados (as) e assentados (as) de reforma agrária, ribeirinhos, quilombolas e indígenas, comunidades em situação de riscos e afetadas por desastres socioambientais — financiou milhares de pequenos projetos denominados PACS (Projetos Alternativos Comunitários). Uma boa parte dos PACS destinava-se a gerar trabalho e renda de forma associada para moradores das periferias pobres das metrópoles brasileiras e da zona rural das diferentes regiões do nosso país.

O MST conseguiu assentar centenas de milhares de famílias em terras desapropriadas de latifúndios improdutivos. O movimento decidiu que promoveria a agricultura sob a forma de cooperativas autogestionárias. Para tanto, criou em 1989 e 1990, o Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA). O SCA conta com 86 cooperativas distribuídas em diversos estados brasileiros, divididas nas seguintes formas: Cooperativas de Produção Agropecuária, Cooperativas de Prestação de Serviços, Cooperativas de Créditos.

Outro componente da economia solidária no Brasil é formado pelas cooperativas e grupos de produção associada, incubados por entidades universitárias que se denominam Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPS). Criada em 1999 a rede ITCPS tem como objetivo principal desenvolver e disseminar conhecimentos sobre cooperativismo e autogestão. Integradas por professores, alunos de graduação e pós-graduação e funcionários, pertencentes às mais diversas áreas do saber, as ITCPS surgem para trocar experiências, aprimorar metodologia de incubação e se posicionar no movimento nacional de economia solidária.

FUNDAMENTOS

Ao analisar a produção teórica de Paul Singer em seu livro *Introdução à Economia Solidária*, podemos refletir sobre a dominação capitalista em praticamente todas as áreas de atuação humana. Entretanto, esta competição tem sido criticada em razão dos seus graves efeitos sociais. Singer apresenta uma alternativa visando proporcionar melhor qualidade de vida para as pessoas através da solidariedade e igualdade.

Para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva. Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir. (SINGER, 2002, p. 09).

Nesse contexto, existe outra perspectiva de organização social e economicamente mais justa e igualitária em relação ao capitalismo vigente — e que pode agregar valor às diversas atividades econômicas e proporcionar a valorização do ser humano — através da economia solidária.

No texto *Rizoma*, dos autores Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1995), podemos perceber uma estratégia metodológica caracterizada como um labirinto sem começo nem fim. Um lugar de encontro e de imprevisibilidade, em que é possível cortar caminho e confundir. O rizoma não se deixa conduzir ao uno, tem aversão à unidade, contra o fechamento, contra regras pré-estabelecidas. O pensamento rizomático se move e se abre em todas as direções. Dessa maneira, esse método tem grande valia por tornar-se um campo aberto de experimentação. Seu modo de funcionamento remete a uma forma de resistência que envolve análise crítica e exercício de liberdade.

Sendo assim, acreditamos compreender o fenômeno da economia solidária como um emaranhado de linhas de fuga, intensamente partilhadas pelos sujeitos sociais, que tem por objetivo reverter a lógica capitalista de exploração da mão de obra e exploração dos recursos naturais de maneira irresponsável.

O Brasil é um país marcado por profundas desigualdades sociais e muitas vozes são silenciadas, sendo preciso trazer à cena as vozes das minorias étnicas raciais, de gênero, sociais, dentre outras. É

relevante pensar que sempre existem alternativas, outros modos de vida, e não apenas aqueles caracterizados pela alienação e opressão em que os indivíduos são submetidos.

Em *A classe média no espelho*, de Jessé Souza, podemos analisar a estrutura da sociedade brasileira e as relações entre as classes sociais. Segundo o sociólogo a elite brasileira que antes escravizava é a mesma que agora explora o trabalhador. Nesse sentido, utiliza-se a participação da elite da classe média, a quem caberia o papel “sujo” de reproduzir os ideais da elite.

Esse é caso da nossa sociedade atual. Há uma contradição óbvia entre as novas possibilidades históricas de acesso a educação e a informação, potencialmente favoráveis à difusão do pensamento reflexivo e autônomo e, do outro lado, as forças mobilizadas para que isso jamais aconteça. Uma imprensa manipuladora e hipócrita, como a brasileira, uma indústria cultural antirreflexiva e concepções de mundo hegemônico e subservientes ao poder de fato são os atuais exércitos simbólicos que mantem submissa a sociedade e bloqueiam seu potencial de desenvolvimento humano (SOUZA, 2018, p. 25).

Esse livro nos permite conhecer origens dos valores morais e desvendar os mecanismos de poder invisíveis que há tanto tempo manipulam a classe média e mantem a sua docilidade frente à exploração da elite.

O autor defende que o problema principal do Brasil não é a corrupção no Estado, mas a desigualdade, herança desde a escravidão. A corrupção praticada pela elite de proprietários, pelo agronegócio, grandes empresas e principalmente pelos bancos é muito maior. A escravidão persiste no sentido de que uma grande quantidade de trabalhadores brasileiros exerce atividades semiqualficadas, ou seja, trabalhadores sem grande incorporação de conhecimento e que são desprezados e silenciados.

O domínio absoluto do latifúndio no campo não é o espaço propício à formação de uma classe média. Ao monopolizar a terra — o fator produtivo mais significativo —, o grande proprietário sufoca as outras formas de propriedade e de arranjo produtivo. Além do latifundiário, que a tudo preside e a tudo comanda, só existem escravos e agregados dependentes (SOUZA, 2018, p. 83).

Nesse contexto, a continuidade da violência marca as relações sociais no ambiente rural. No Brasil, a colonização se deu por meio do latifúndio, diferente de outros países, como, por exemplo, nos Estados Unidos, onde foi feita em grande medida por pequenos e médios proprietários de terra. Dessa maneira, a situação se mantém ao longo do tempo na realidade brasileira, caracterizada por arbítrio e violência.

Por fim, conforme o sociólogo, nunca tivemos uma luta de classe que atendesse às necessidades das classes populares, fazendo valer como direito. O que sempre aconteceu foi opressão de classe, na qual qualquer tentativa de diminuir as desigualdades sociais resultou em golpes de Estado e estado de exceção.

No obra *Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo*, o autor Simon Schwartzman faz uma abordagem sobre as origens da riqueza e da pobreza e os efeitos da expansão da modernidade para a sociedade, bem como a complexidade em resolver os problemas da desigualdade e da pobreza que persistem, apesar dos avanços trazidos pela revolução industrial e pelo desenvolvimento tecnológico e científico.

Nesse sentido, o autor destaca que o poder supremo do capitalismo de dominar os recursos da natureza e expandir sua influência ao resto do mundo é inegável.

“Pobreza” e “exclusão social” são termos usados hoje quase como sinônimos. O que encontramos por trás disso é a consideração de que qualquer pessoa socialmente integrada está também protegida contra a pobreza e a miséria. Nossa visão histórica mostra que não foi assim no passado, não estava na mente dos economistas e dos cientistas sociais que escreveram sobre as origens do capitalismo e das sociedades modernas. Para Marx, os trabalhadores, muito bem integrados na economia capitalista, permaneciam pobres por causa do modo de funcionar da economia. Não havia diferença entre os que trabalhavam e os que não trabalhavam e estavam temporariamente no “exército industrial de reserva”, que também era uma criação do capitalismo (SCHWARTZMAN, 2004, p. 65).

Atualmente o estabelecimento da “sociedade assalariada” é questionado, apesar do impacto da globalização e das novas tecnologias. Ser um trabalhador assalariado em uma sociedade de consumo de massa é considerada uma situação restrita e opressiva, seguindo a tradição crítica Marxista.

Simon também apresenta conceitos relevantes relacionados ao Movimento dos Trabalhadores sem Terra.

O MST é um exemplo muito bom de movimento político baseado em uma agenda de direitos humanos, o direito dos camponeses de possuir a propriedade da terra onde trabalham. Carter (2003) descreve o movimento como uma “ação de interesse ideal”, ou mobilização, com as seguintes qualidades: “(1) Comportamento orientado por valores, e não pela busca de resultados; (2) um comportamento baseado na fusão entre esforço e conquista, em lugar de otimização; (3) sentimentos fortes propelindo a ação social e dela resultando; (4) interação coletiva alterando fortemente o cálculo individual; (5) repertórios simbólicos densos que incutem coragem e vitalidade; (6) associações fundadas em afinidades eletivas, por oposição a alianças estratégicas e instrumentais; e (7) a presença notória de pessoas que agem como se não pudessem ser compradas” (SCHWARTZMAN, 2004, p. 129).

METODOLOGIA E ASPECTOS CULTURAIS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, tendo a etnografia como apoio ao estudo cultural da comunidade estudada. A técnica de coleta de dados inclui entrevistas com os membros da referida instituição, além da pesquisa observacional que será utilizada como aporte metodológico.

Nesse contexto, o conceito de cultura tem grande relevância quando relacionada à temática da economia solidária. Definir a cultura não é uma tarefa fácil, em razão de a mesma evocar vários significados, além do desenvolvimento histórico do termo.

A cultura é tão abrangente que pode ser representada como uma teia sem fim. O antropólogo Clifford Geertz define-a como uma teia de significados tecida pelo homem. Essa teia orienta a existência humana. Trata-se de um sistema de símbolos que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca. Geertz define símbolo como qualquer ato, objeto, acontecimento ou relação que represente um significado.

O conceito de cultura nesta pesquisa é fundamental uma vez que conhecê-la não significa apenas registrar os fatos, é preciso investigar, analisar, interpretar os significados contidos nos atos, nos acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, podemos verificar que a integração entre os instrumentos teóricos dos diversos autores são importantes na ampliação dos conhecimentos para efetivar o desenvolvimento da pesquisa. Nessa perspectiva, considerando um veículo sendo montado numa linha de produção, por exemplo, podemos observar que as partes separadas, sem ainda interagir com as outras partes, ainda não dão sentido ao conjunto. Assim, a porta de um veículo é apenas uma porta, o volante desse mesmo automóvel é apenas um volante, o parabrisa é apenas um parabrisa, e assim por diante. Entretanto, o conjunto de todas as partes, interagindo entre si, formará um sistema que irá caracterizá-lo, possibilitando assim o cumprimento das suas funcionalidades e conseqüentemente a sua movimentação.

A Associação Maria Quitéria foi constituída a partir da união de diversos grupos familiares, de várias cidades circunvizinhas, não apenas de Teodoro Sampaio. Essa instituição foi constituída por Integrantes do município de Pedrão, Santa Bárbara, de municípios da região metropolitana de Salvador como, por exemplo, Simões Filho, dentre outros municípios. E assim formaram uma nova comunidade, de modo que, dentre tantas outras dificuldades, surge o desafio de conviver com as diferenças. Dessa maneira, o estudo da cultura aparece como ferramenta de grande relevância no estudo de cenário. Sendo assim, numa visão de futuro, se faz necessário saber quais são os nortes, os caminhos a serem seguidos e quais são as ações que os associados pretendem tomar visando dar continuidade aos seus ideais e projeções para o futuro. Vale ressaltar que essa pesquisa levanta discussão sobre aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. E, dentro dos aspectos sociais, é importante verificar se há promoção de atividades educacionais, culturais, de formação profissional,

dentre outras, realizadas de maneira formal ou informal, isolada ou em parceria com outras entidades que possam satisfazer as necessidades dos associados e da comunidade local. Assim, entendemos que o papel de um pesquisador exige um trabalho complexo, denso e requer muito comprometimento para alcançar os objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: 34, 1995.

SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SCHWARTZMAN, Simon. *Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo*. São Paulo: Augurium, 2004.

SOUZA, Jessé. *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC—Livros técnicos e científicos. Editora S.A. 1989.